O TRAUMA NA INFÂNCIA, SEUS IMPACTOS NA PSIQUE INFANTIL E SUA ELABORAÇÃO POR MEIO DA ANÁLISE DO FILME “O LABIRINTO DO FAUNO”

Letícia Alves de Abreu (IC) e Maria Regina Brecht Albertini (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O presente trabalho trata sobre o impacto positivo de contos de fadas na elaboração de traumas infantis, acontecimentos que o sistema nervoso é incapaz de abolir, seja por pensamento associativo ou por reação motora. O filme “O Labirinto do Fauno”, escrito e dirigido por Guillermo del Toro, foi utilizado como referência devido à sua história e a sua protagonista – Ofélia, de 10 anos – que enfrenta o luto familiar e outras situações traumáticas decorrentes do casamento de sua mãe com um capitão do regime fascista espanhol. A história apresenta aspectos de contos de fadas como, por exemplo, a relação da protagonista com criaturas mágicas que possibilitam que ela consiga lidar com os seus traumas e a tensão de sua nova realidade. A pesquisa é caracterizada como exploratória, analisando autores da psicanálise – Bettelheim, Winnicott, Ferenczi e Freud - e o filme “O Labirinto do Fauno”. Por apresentar uma heroína que caminha tanto pela realidade quanto pela própria fantasia, o filme permite que crianças se identifiquem com a protagonista e criem vínculos com a história. Através da análise da jornada de Ofélia, foi possível identificar os aspectos positivos da influência que a fantasia pode ter na psique infantil e no seu desenvolvimento, viabilizando a elaboração saudável e ressignificação dos acontecimentos traumáticos. Conclui-se que “O Labirinto do Fauno” é passível de ser utilizado satisfatoriamente como ferramenta terapêutica na clínica psicanalítica infantil, possibilitando que crianças consigam elaborar seus traumas e alcançar o processo de integração.

Palavras-chave: Trauma, fantasia e infantil.

ABSTRACT

The article deals with the positive impact of fairy tales in the elaboration of childhood traumas, that are events that the nervous system is incapable of abolishing, whether through associative thinking or motor reaction. The film “The Pan’s Labyrinth”, written and directed by Guillermo del Toro, was used as a reference due to its story and its protagonist – Ophelia, 10 years old – who faces family grief and other traumatic situations arising from her mother marriage with a captain of the Spanish fascist regime. The story presents aspects of fairy tales such as the protagonist's relationship with magical creatures that allow her to deal with traumas and the tension of her new reality. The research is characterized as exploratory, analyzing authors of psychoanalysis – Bettelheim, Winnicott, Ferenczi and Freud – and the movie “The Pan’s Labyrinth”. By presenting a heroine who walks both in reality and in fantasy, the movie allows

children to identify themselves with the protagonist and create bonds with the story. Analyzing Ophelia's journey, it was possible to identify the positive impact that fantasies can have on the child's psyche and its development, enabling a healthy elaboration and resignification of traumatic events. It is concluded that "The Pan's Labyrinth" can be used positively as a therapeutic tool in the child psychoanalytic clinic, enabling children to elaborate their traumas and reach the integration process.

Keywords: Trauma, fantasy and childhood.

1. Introdução

1.1. Problema de pesquisa

Uma situação é definida como potencialmente traumática quando é composta por circunstâncias impactantes, desde violências de qualquer tipo entre outras, colocando a criança em contato com perdas significativas e que desencadeiam (re)arranjos importantes em sua vida (ZAVARONI, VIANA; 2015). Uma criança com vivência traumática suspende todo tipo de atividade psíquica e entra em um estado passivo e sem resistências (FERENCZI, 1992a).

Para Bettelheim (1979), a mente de uma criança possui um conjunto de impressões, frequentemente desordenadas, sendo estas obtidas em aspectos da realidade. Porém, em grande parte, elas são frutos de elementos de fantasia, que preenchem grandes lacunas nas compreensões das crianças que ainda não adquiriram experiências suficientes para tal compreensão.

Por atuarem diretamente no consciente, os contos de fadas interagem nas necessidades de crianças e adultos. Isso possibilita que desenvolvam estratégias para lidar com problemas e encontrem significados para os acontecimentos, podendo auxiliar no tratamento terapêutico de traumas (ALVES; MARCELO, 2012).

É necessário que, para amadurecer com segurança, a criança tenha acesso a histórias que apresentem sugestões simbólicas sobre como lidar com conflitos existenciais e elaborá-los (SBARDELOTTO; DONELLI, 2014). Contos favorecem a introspecção, fazendo com que a criança reflita sobre seus sentimentos. Eles mostram que seus sofrimentos serão passageiros (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009) e ajudam na formação de personalidade e na organização do pensamento infantil (MAGALHÃES, 2008).

1.2. Justificativa

Para Ferenczi (1934), o “choque” causado pelo trauma aniquila o sentimento de si, de forma que não ocorra uma reação de defesa. O autor também escreve que “superar” pode ser descrito como a produção de representação de uma mudança favorável no sentido da realidade. O apego a essa representação torna a pessoa capaz de suportar o desprazer, sendo isso uma espécie de anestésico e, até mesmo, antídoto, possibilitando o começo de

uma defesa psíquica. Fatores associados à depressão na vida adulta encontram-se em exposição a estressores traumáticos na infância (ZAVASCHI et al., 2002).

Sugere-se estudos que, por meio de novas pesquisas, criem oportunidades de ampliar o universo teórico. Permitindo que os profissionais da Psicologia utilizem contos de fadas como recurso terapêutico (PEREIRA; LEMOS, 2013).

Esse trabalho visa elaborar o conceito de trauma e a utilização de contos de fadas como recurso terapêutico, usando como base o filme “O Labirinto do Fauno” (2006). Visando a criação de uma ferramenta a ser usada no contexto clínico, ampliando as pesquisas feitas na área da psicologia infantil que, devido a pandemia do COVID-19, tem sua importância cada vez mais ressaltada.

1.3. Objetivo

O objetivo geral deste projeto é analisar o filme “O Labirinto do Fauno” (2006), dirigido e escrito por Guillermo del Toro, e articular com o conceito de trauma. Como objetivos específicos pretende-se ampliar as ferramentas para o trabalho na clínica psicanalítica estudando histórias contemporâneas, estudar o conceito de trauma e apresentar os efeitos dos contos de fada no desenvolvimento humano e como facilitador dos processos terapêuticos.

2. Referencial teórico

Winnicott (1896-1971) escreve sobre a importância da adaptação de um bebê em seu ambiente, começando com a necessidade de que esse seja perfeito, sem nenhuma adversidade. Até que, conforme a criança amadurece, a figura materna permita que ele lide com falhas para que, por meio da compreensão, o bebê desenvolva tolerância em relação a fatores egóicos e instintivos.

Para melhor desenvolvimento durante essa fase, Winnicott (1983) disserta sobre como a mãe suficientemente boa deve criar um ambiente estável fornecendo uma série de cuidados que permitam que o bebê se sinta satisfeito. Esse conceito é conhecido como “*holding*” e é essencial pois para a criança sua satisfação fisiológica equivale a satisfação da psique, dando início à integração do self e a noção de ilusão, e o mantendo consciente sobre ser amado. No mesmo ambiente, ocorre o “*handling*” que se baseia no contato corporal da mãe com o bebê

que ocorre pelos cuidados como, por exemplo, dar banho. Com isso, o bebê vivencia o processo de personalização pois passa a estar ciente de suas noções corporais, entendendo que habita um corpo próprio, proporcionando a integração do ego (WINNICOTT, 1983).

Como parte desse processo, a criança - que até então teve como vínculo de objeto externo o seio da mãe, o qual acredita ser parte de si mesma - deverá começar a criar relações com outros objetos externos, sempre incentivada pela mãe. Essas novas relações tornarão a criança ciente do conceito de posse, desfazendo a ilusão de que o seio materno é uma parte sua e dando início a sua independência materna (WINNICOTT, 1983). Quando experimenta a separação materna, a criança passa a desenvolver o brincar, permitindo a construção do *self* por meio de fenômenos transicionais entre a realidade interna e a compartilhada (WINNICOTT, 1975).

Quando o ambiente não oferece as condições básicas necessárias ao desenvolvimento, o lactante desenvolve um falso *self* que, como forma de defesa do *self* verdadeiro, se adequa às exigências do meio a fim de evitar seu aniquilamento (WINNICOTT, 1983). Uma criança que se vê em um estado de perigo iminente se fragmenta, permitindo que uma parte de si possa desempenhar papel materno ou paterno, suprimindo a sensação de abandono e insegurança (FERENCZI, 1992b). Nesse caso ocorre uma “inversão de adaptação” (LIBERMAN, 2013), na qual a criança se adequa às necessidades dos adultos, renunciando ao universo infantil e de sua espontaneidade afetiva (MELLO, FERES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2019).

Normalmente, quando ocorre uma impressão a qual o sistema nervoso é incapaz de abolir, seja por pensamento associativo ou por reação motora, transforma-se em trauma psíquico (FREUD, 1892/1987). Para Freud (sobre a teoria do trauma 1950/1980f), o trauma não é, necessariamente, causado por um acontecimento de grandes proporções, podendo ser desencadeado por situações corriqueiras do cotidiano. Hanns (1996) disserta em dois tempos, na qual a cena atual reconduz o sujeito à primeira cena, evocando-a, de modo que, para a Psicanálise, o trauma seja um evento psíquico miscigenado e não isolado da história do sujeito (ZAVARONI; VIANA, 2015).

Maldonado e Cardoso, em seu artigo “O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias.” (2009), dissertam sobre o paradoxo envolto no conceito de trauma, sendo esse o que confere a impossibilidade e necessidade de representação do conteúdo traumático. As autoras citam o conceito de memória de Freud ([1896a] 1974) - a memória se desdobra em vários tempos, seus registros representam sucessivamente diversas épocas da vida - e complementam que só é possível entrar em contato com a

“verdade narrativa” de uma situação traumática, pois o acontecimento original sofre influência da vivência adquirida.

Ainda em seu texto, Maldonado e Cardoso (2009), complementam a concepção freudiana sobre o traumático - aquilo que retorna como signos perceptivos que não se submetem ao deciframento do inconsciente e que resistem a serem expressos em palavras (FREUD, [1896b] 1974) - com outros autores, Uchitel (2001), Knobloch (1998) e Reis (2004). Eles relacionam o traumático à dimensão de “apresentação”, na qual esses símbolos se revelam na forma de repetições, atos ou manifestações corporais (REIS, 2004).

Quando uma criança se depara com uma condição “insuportável”, ao imaginar uma solução favorável, mesmo que fantasiosa, isso permite que ela lide com o acontecido, pois a fantasia estabelece a esperança no futuro em que a dificuldade do presente foi contornada. Quando a criança é incapaz de imaginar seu futuro de forma otimista, seu desenvolvimento paralisa. Em situações como essa, é preciso que a figura paterna ou materna ajude a criança a encontrar esperança, isso pode ocorrer por meio da narração de contos de fadas (BETTELHEIM, 1979).

Em seu artigo “Trauma e Arte: Do Vazio à Elaboração do Sentido”, Neto (2020) disserta sobre a influência do trauma na arte e vice-versa, sendo essa uma forma de externar o sofrimento psíquico e rearranjar o campo subjetivo do sujeito, abalado pela experiência que o indivíduo apresenta dificuldade para assimilar. Barbosa (2015) define a projeção como um artifício para dominar e suportar o trauma. Neto (2020) relaciona isso à externalização inconsciente que acontece na criação de uma obra de arte, expressando o que não se pode ser dito e abrindo caminho para o processo de ressignificação por meio do simbólico. A arte em si não será capaz de elaborar tudo o que precisa ser externalizado, de modo que quanto mais se trabalhar nela maior será o efeito no psíquico e na capacidade de representar o indizível (NETO, 2020).

Uma criança pode começar a fantasiar a partir de algum segmento da realidade que, por lhe provocar ansiedades ou necessidades, torna a fantasia essencial (BETTELHEIM, 1979). É importante ressaltar que é preciso ordem para que a criança, ao misturar realidade e fantasia, possa sair fortalecida ao invés de enfraquecida (BETTELHEIM, 1979). Os contos de fada são alternativas para situações de angústia, pois contribuem para o imaginário com sua variedade de cenas possíveis e fantasia (POKORSKI; POKORSKI, 2004).

De acordo com Bettelheim (1979), o conto de fadas permite que a criança viaje em sua fantasia, mas, por manter o formato de uma história, traz ela de volta para sua realidade, sendo essa apresentada como feliz mesmo que sem mágica, assim como acontece com o herói da história. Em seu estudo, Sbardelotto e Donelli (2014), observaram que a identificação

de crianças com personagens de contos ofereceu a possibilidade de nomear afetos, desenvolvimento da imaginação e simbolização, e a organizar sentimentos complexos (BARRETO, 2005).

Bettelheim (1979) afirma que uma criança que entra em contato apenas com histórias realistas pode ter receio de que sua realidade interna, fantasiosa, seja inaceitável para seus pais, tornando-as alheias a isso. Para impedir isso, o autor ressalta a importância da narrativa de histórias por seus pais, fazendo com que a criança se sinta segura e valide sua realidade interna. O ato de contar histórias também permite um estreitamento de laços afetivos, criando um espaço de conforto, isso também vale para a comunicação entre terapeuta e paciente (MOURA; ASSIS, 2018).

Os contos de fadas, e mesmo histórias encontradas em diversos meios de informação, são repletos de metáforas que fazem parte constante de nossa comunicação (SBARDELOTTO; DONELLI, 2014). Essas mesmas metáforas influenciam positivamente na psicoterapia (ALVES, 1999) por nos colocar em contato com simbolismos, presentes em personagens e enredos encontrados no inconsciente (CORSO e CORSO, 2006; SCHNEIDER, 2008). A capacidade de simbolizar é fundamental para o psíquico e emocional (RESSURREIÇÃO, 2012), mediando a relação entre o mundo interno e a realidade externa do paciente (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009) e podendo ser utilizados como instrumento terapêutico (CADORE et al., 2010).

Originalmente, contos de fadas eram histórias criadas como entretenimento para adultos, sendo essas contadas em reuniões sociais e contendo temas adultos, mas, ao serem recontadas, aos poucos, foram transformadas em contos (CASHDAN, 2000; PEREIRA; LEMOS, 2013). Um exemplo são os contos escritos pelos Irmãos Grimm (GILLING, 1999).

3. Metodologia

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa exploratória, o delineamento adotado será a pesquisa bibliográfica de artigos da plataforma SciElo e Google Acadêmico e da revisão de obras de autores teóricos como Bettelheim, Corso & Corso, Freud, Ferenczi e Winnicott e análise qualitativa dos dados. O filme “O Labirinto do Fauno” será usado como ponto de partida para a análise, relacionando-o com os respectivos autores e temas utilizados. Para a pesquisa nas plataformas citadas serão usados os seguintes descritores: “aplicabilidade acadêmica”, “contos de fadas”, “psicanálise”, “infância” e “trauma”.

4. O Labirinto do Fauno

O Labirinto do Fauno, filme de 2006 e publicado como livro em 2019, tem como cenário a Guerra Civil Espanhola e narra a história de Ofélia, uma garota órfã de pai forçada a se mudar para o campo devido ao casamento, e gravidez, de sua mãe com um capitão do exército espanhol. Ao encontrar criaturas mágicas, que a reconhecem como a princesa perdida de seu reino, Ofélia precisa cumprir três provações para se mostrar digna de voltar para ele.

O enredo brinca com as fronteiras entre o mundo interno e externo de Ofélia, que se apegua à possibilidade de fugir da realidade angustiante em que se encontra para uma fantasia que irá ampará-la caso se mostre digna e corajosa. A história é contada no formato de um conto de fadas, cheia de simbolismos e provações que, quando concluídas, resultam no final feliz de Ofélia. Mantendo-se fiel à origem dos contos, O Labirinto do Fauno não romantiza situações, seus perigos e as consequências das ações de Ofélia são reais - mesmo em sua fantasia -, nos fazendo temer pela protagonista e outras personagens por estarem próximas demais da morte, real ou simbólica, de modo que adultos possam facilmente se identificar.

Durante a história, Ofélia lida com o luto diversas vezes, fazendo deste uma peça essencial para a história e, conseqüentemente, da análise proposta nesse trabalho permitindo uma comparação com a situação de diversas crianças vítimas da pandemia da COVID-19 que, assim como Ofélia, estão lidando com situações traumáticas. Esse paralelo ressalta a teoria de que “O Labirinto do Fauno” pode ser usado como base para uma ferramenta de atuação na clínica infantil, área que exige cada vez mais ampliação em seus estudos, e criação de novas estratégias para ser capaz de atender às demandas cada vez maiores provocadas pela pandemia, uma vez que essa terá grande influência no psicológico de adultos e crianças.

5. Análise

5.1. Um conto de Fadas

A história de “O Labirinto do Fauno” - considerando tanto o filme de 2006 quanto o livro de 2019 - é caracterizada como um conto de fadas, tendo como base a definição de Corso e Corso (2006). Ela possui uma trama complexa, composta tanto de fantasia - que estimula a

imaginação infantil - quanto de situações da realidade. A aventura de Ofélia é finalizada de forma reconfortante pois conta com a resolução de todos os conflitos e angústias, favorecendo um melhor desenvolvimento para aqueles que têm contato com a história. Vale ressaltar que os elementos assustadores - muito presentes nessa história - também são apreciados pelas crianças, por ser um incentivo para a elaboração de seus medos (CORSO e CORSO, 2006).

Durante o desenvolvimento desse conto, percebe-se que Ofélia só é capaz de suportar sua realidade - marcada pela crueldade de um regime fascista e pelas consequências da perda de seu pai - por se refugiar em suas fantasias, a princípio presentes nos seus livros e, em seguida, no seu próprio conto de fadas. Porém, ela deve enfrentar situações assustadoras, tornando-a capaz de suportar seus medos. Pode-se fazer um paralelo sobre como até mesmo a heroína - uma criança - é beneficiada pela fantasia como forma de elaborar suas angústias, situação que se espelha em seus espectadores.

Bettelheim (1979) disserta sobre como os contos de fadas são convincentes e reconfortantes para as crianças por serem uma reflexão sobre como elas sentem e experimentam o mundo, indo além da lógica e do raciocínio adulto. Ofélia busca por esse conforto em seus livros de fantasia, sempre sentindo-se ameaçada pela realidade imposta por sua mãe - Carmem - que opta por cortar a fantasia da vida da filha, desejando que ela se adapte à vida adulta e necessidade de sobrevivência o mais cedo possível. Bettelheim (1979) afirma que a participação dos pais nas fantasias dos filhos é fundamental para as crianças, pois é uma forma de mostrar que são compreendidas. Ao longo da história, esse papel ausente na vida de Ofélia é preenchido pela governanta Mercedes, que a escuta e incentiva. Carmem exalta a necessidade da filha de se manter focada apenas no mundo real, tendo em mente a sobrevivência de ambas - mesmo que isso resulte na anulação de seus gostos e vontades - submetendo-as aos comportamentos abusivos do Capitão. Essas situações se encaixam no que Baracat et al. (2020) cita como os dois tipos de trauma reconhecidos por Pinheiro (1995) nas obras de Ferenczi, sendo o primeiro relacionado à educação e as regras impostas pela sociedade à criança, exigindo que ela que faça renúncias que não estão de acordo com sua idade. O segundo trauma é denominado desestruturante, se caracterizando por abusos e negligências, tanto físicas quanto mentais, que impactam negativamente no ego e na constituição da criança.

Bettelheim (1979) enfatiza como a presença de apenas histórias realistas é improdutivo para crianças, mas sua ausência total também impede um bom desenvolvimento, isso também vale para histórias apenas fantasiosas. Sendo assim, a combinação das duas coisas permite que crianças desenvolvam em sua personalidade tanto a sua racionalidade quanto a afetividade. Dessa forma Ofélia é exposta a duas realidades - a de sua mãe e a do Fauno - permitindo que tenha um desenvolvimento saudável e seja capaz de lidar com as

duas coisas no final da história. O “Labirinto do Fauno” trabalha tanto questões realistas quanto fantasiosas, oferecendo os dois lados para quem entra em contato com a história e a importância de ambos.

As crianças, principalmente aquelas que passaram por situações traumáticas, procurarão pela fantasia otimista que permite que elas encontrem sustentação ao se depararem com um final feliz, mesmo que a história seja recheada de perigos, pois o protagonista é capaz de superá-los, permitindo que a criança elabore melhor sua realidade (BETTELHEIM, 1979). Ofélia só é capaz de elaborar o luto pelos pais e a crueldade de seu padrasto por crer no final feliz de sua fantasia, pois lá estará segura e amparada. Uma característica presente em Ofélia - e em muitas outras personagens de histórias infantis - é a solidão de ser órfã, pois é referente ao que as crianças sentem sobre enfrentar o mundo (CORSO e CORSO, 2006). Essa é a primeira porta para que se identifiquem com a heroína, mas não a única pois as situações que Ofélia encontra e supera por conta própria também tecem essa identificação (CORSO e CORSO, 2006; BETTELHEIM, 1979).

É impossível que uma criança por si só crie a fantasia de que será resgatada de sua realidade, sendo capaz de fazer isso apenas por intermédio de histórias e na idealização de uma figura boa (BETTELHEIM, 1979). Enquanto muitos contos contam com a presença de uma fada madrinha, em “O Labirinto do Fauno” a protagonista é resgatada pela criatura que nomeia a história e que lhe apresenta a possibilidade de um final feliz caso ela se esforce para alcançá-lo. O Fauno revela que Ofélia é, na verdade, a Princesa Moanna, filha amada de um rei e uma rainha dos quais se perdeu por se atrever a explorar o mundo humano, e que, se concluir três tarefas, poderá voltar para seu reino subterrâneo e se livrar das tristezas do mundo em que vive. Bettelheim (1979) se refere ao desejo conhecido como “romance familiar” da criança púbere, sendo essa uma fantasia de que na verdade ela é filha de pessoas importantes, e não das pessoas que se dizem seus pais, que um dia a encontrarão para revelar sua verdadeira natureza nobre e alcançar o “felizes para sempre”. É comum em diversos contos de fadas que o herói abandone o seu lar para viver aventuras e alcançar sua independência e seu reino, assim como a princesa Moanna abandona sua família para voltar finalmente como Ofélia. No entanto, ela só pode voltar depois de passar por diversas provações e riscos, pronta para assumir seu lugar como princesa e - finalmente - alcançar sua independência, estando livre do controle dos adultos que não a compreendem.

Outro ponto em comum do “Labirinto do Fauno” e do esqueleto de muitos contos de fadas é a mensagem de que, por mais que erre, a criança não deve desistir de alcançar seu final esperançoso, sendo essa uma característica essencial (BETTELHEIM, 1979). Ofélia não é isenta de erros, ela apresenta inúmeras falhas e sofre a consequência de seus erros, mas

isso não a impede de continuar lutando e de, no final, alcançar sua felicidade (outra característica essencial dos contos).

5.2. A mãe boa, a mãe má e a bruxa

O compartilhamento de fantasias permite que diversos temas inconscientes sobre conflitos familiares sejam retratados, mesmo que não se saiba quais, e elaborados, sendo assim é um diálogo vital tanto para elaboração quanto para aprofundamento dos laços familiares (CORSO e CORSO, 2006; BETTELHEIM, 1979). O traumático está ligado à forma com que a criança se relaciona com os adultos ao redor e se são ou não capazes de se adaptarem às suas necessidades (MORENO; COELHO JUNIOR, 2012). Caso eles neguem a realidade do fator traumático, atitude da mãe de Ofélia, a criança se sentirá cada vez mais abandonada (FERENCZI, 1931). A intervenção de Mercedes e do Fauno na vida de Ofélia permite que ela passe a criar laços com pessoas que não são de sua família, compensando seu desapontamento em relação à mãe (BETTELHEIM, 1979). A presença acolhedora e compreensiva de um adulto atua para impedir o trauma patogênico (OSMO; KUPERMAN, 2012), pois a criança deposita grande confiança nestas figuras. Se essa confiança for quebrada, a criança passará a duvidar de si mesma e da própria palavra (PINHEIRO, 1995). Portanto, a presença de um adulto - Mercedes - que escuta atentamente Ofélia sobre suas fantasias e medos atua positivamente, enquanto as atitudes de sua mãe a afetam negativamente.

Carmem apresenta as características de uma mãe pré-ediipiana - sendo essa uma mãe caridosa que impõe seus desejos à criança até que está passe a discordar e deixar de idealizar a mãe (BETTELHEIM, 1979). Ela quer inserir a filha no que acredita ser o necessário para manter a sobrevivência de ambas, mesmo que isso signifique se submeter ao Capitão e afastar a filha de suas fantasias, e não percebe que suas explicações não fazem sentido para a criança. A recusa de Ofélia e seus atos vistos como rebeldia - consequências das realizações das tarefas - passam a gerar conflito entre ambas, de modo que a menina deixe de ver a mãe como a mesma pessoa de antes da morte de seu pai e durante parte da trama culpa a gravidez por sua mudança, que cada vez enfraquece mais a mãe.

Conforme Ofélia sente-se afastada cada vez mais de sua mãe, mas sem desistir de que ela logo volte a ser a mesma mulher alegre e idealizada de antes, acaba por sentir-se rejeitada em prol dos desejos do Capitão e cada vez mais solitária. É nesse momento que Mercedes intervém como uma figura semelhante à de uma fada madrinha, representando um aspecto da mãe boa, preocupando-se com o bem-estar de Ofélia e a ouvindo quando ela fala

de suas fantasias. Essa polarização, na qual uma personagem carrega aspectos ruins e a outra os bons, permite que a criança possa compreender melhor a diferença entre ambas, mesmo que no mundo real uma mesma pessoa - a figura materna - carregue ambos os aspectos (BETTELHEIM, 1979).

Assim como ocorre uma polarização na figura materna, a história apresenta o Capitão como um vilão paterno e mantém a figura idealizada que Ofélia tem do seu falecido pai, é semelhante ao que em muitos contos ocorre com as figuras de falecida mãe e madrasta. O Capitão passa a ser o rival de Ofélia pelo amor da mãe e, por ser o vilão paterno, é o alvo dos sentimentos negativos da garota em relação à figura paterna, mantendo a memória idealizada do pai biológico intacta (CORSO e CORSO, 2006).

Durante a história, Fauno mostra inúmeros lados para Ofélia, ele a consola e mostra esperança, mas não deixa de ser exigente e rígido com a menina em relação ao seu desempenho nas tarefas. O papel desempenhado pelo Fauno é semelhante ao que Bettelheim (1979) atribui para a figura da Bruxa nos contos de fadas, sendo essa uma junção dos aspectos da mãe caridosa da infância e da mãe pré-edipiana, e que é descrita como uma figura sobre-humana fruto dos desejos e angústias da heroína.

Da mesma forma que no fim da história Ofélia se funde à figura de Moanna, o Rei e a Rainha são idênticos aos seus falecidos pais do mundo “real” propondo que sempre houve uma ligação entre eles. Esse detalhe ressalta outro aspecto que Bettelheim (1979) propõe aos contos de fadas, descrevendo a trajetória dessas histórias como algo que se inicia quando os pais bons enviam a heroína para vagar sozinha por um caminho doloroso em prol do seu bem estar, só podendo voltar para seu lar ao realizar provações e tornar-se independente para, então, seus pais aparecerem como por milagre. Ofélia tem esse desenvolvimento a partir do momento que Carmem passa a tomar atitudes que ela não entende, tendo que partir sozinha até - por meio da três tarefas - se tornar digna e então ir para seu reino, no qual seus pais se apresentam como Rei e Rainha. Porém, também pode se dizer que esse desenvolvimento se inicia quando a Princesa Moanna decide descumprir as ordens de seus pais e se perde no mundo humano, tendo que vagar até poder voltar.

5.3. As três tarefas

Ferenczi apresenta o conceito de “clivagem precoce”, sendo essa uma fragmentação presente em todos os indivíduos antes mesmo do nascimento e não gerada por um trauma (FERENCZI, 1932/1992). A fragmentação permite que a criança se adapte ao mundo exterior

através da plasticidade resultante dessa cisão e buscando a criação de uma unidade provisória, que se constitui na medida em que se fragmenta, se tornando fundamental para processos criativos e desenvolvimento saudável, de forma que a destruição se mostra como um incentivo para a criação de novos processos subjetivos (FERENCZI, 1932/1992; GONDAR, 2020).

Bettelheim (1979) usa de exemplo o arquétipo dos dois irmãos - podendo ser relacionado ao conceito de fragmentação de Ferenczi -, que está presente na estrutura de inúmeros contos e que está intimamente ligada com a integração do ego por se tratar de dois aspectos opostos do mesmo indivíduo. O irmão que primeiro se aventura (Moanna) acaba por se perder ou sofrer alguma consequência porque não estava pronto, desse modo deve ser salvo pelo outro irmão (Ofélia). Portanto, a protagonista já é apresentada como um indivíduo fragmentado correspondente à etapa de seu desenvolvimento - para impedir que uma catástrofe maior ocorra. Uma vez que os irmãos se reencontram, ocorre a integração do ego. Ofélia alcança esse estado ao se mostrar digna e assim pode voltar para seu Reino, tornando-se uma com seu alter ego (Moanna).

Contos de fadas são marcados pelo número três, mostrando-se relativo aos conceitos de id, ego e superego (BETTELHEIM, 1979). Essa comparação abrange as três tarefas realizadas por Ofélia, sendo elas uma forma de se relacionar com seus fragmentos e uma busca pela integração do ego:

Id e a Primeira Tarefa: Ofélia deve aventurar-se na raiz de uma árvore, tendo de enganar o sapo - esse animal é frequente em contos de fadas pois simbolizam a transformação do herói em uma figura mais elevada (BETTELHEIM, 1979) - que está a consumindo, para conseguir uma chave. Ofélia deixa de lado as imposições de sua mãe - a qual acredita estar sendo mudada pela gravidez - para poder cumprir essa tarefa, sujando o belo vestido que havia ganhado dela. Ao cumprir esse desafio, a garota passa a se sentir capaz de alcançar seu final feliz e se mostra disposta a enfrentar mesmo as coisas mais sujas.

Ego e Segunda Tarefa: mais perigosa do que a primeira, requer que Ofélia adentre em uma sala com uma mesa com um rico banquete, porém guardada por uma criatura assustadora. Ofélia deve utilizar a chave que conquistou na tarefa anterior para encontrar uma adaga e, então, voltar para seu quarto. O Fauno deixa claro que ela não deve se alimentar enquanto realiza o desafio, mas a garota falha ao se deixar comer uma uva e coloca em risco a vida dela e de suas fadas ajudantes. A garota escapa com vida e com a adaga, mas é incapaz de evitar a morte de duas das fadas e por isso é punida com a fúria do Fauno. Caropreso (2019) trabalha com hipóteses de Ferenczi em seu artigo "O conhecimento e o

sentido de realidade no pensamento de Sándor Ferenczi”, a autora descreve que, a princípio, para a criança só existiria seu ego, acreditando que tudo que é bom provém dele e tudo de ruim pertence ao exterior. Ofélia só se torna consciente dos aspectos “desprazerosos” do seu ego ao perceber que nele também há coisas ruins - o impulso de ignorar ordens, retratado por ousar comer do banquete - e que muitos prazeres que ela reconhecia como seus - toda a fantasia que acreditava estar à sua disposição - na verdade são do mundo externo. Esse processo gera a destruição parcial do ego em prol de sua reconstrução, tornando-o mais forte e adaptado à realidade. Ao lidar com as consequências de suas ações, Ofélia passa por um período de isolamento, tanto do seu mundo fantasioso quanto de sua mãe, que morre no parto, e se torna consciente da necessidade de segurar seus impulsos e desejos primitivos, tornando-se mais madura e adaptando-se melhor às suas duas realidades. Seu amadurecimento é retratado no impulso protetor que sente pelo irmão recém-nascido, o qual antes considerava algo ruim que sugava a vitalidade de sua mãe.

Superego e a Terceira Tarefa: Sendo essa sua última chance, a garota deve levar seu irmão recém-nascido até o labirinto junto da adaga. Lá, o Fauno revela que para realizar a terceira tarefa ela deve derramar o sangue de um inocente. Dessa vez, Ofélia prioriza o que acredita ser certo e se recusa a ferir o irmão, mesmo que isso lhe custe o final feliz. Essa escolha acaba resultando em sua morte, porém é a verdadeira resposta correta para se mostrar digna de seu reino e alcançar a individualização.

Ainda seguindo preceitos de Bettelheim (1979), a individualização só será alcançada perante o enfrentamento de adversidades, tendo coragem de se arriscar em nome de suas crenças e por acreditar no seu final feliz. Ofélia alcança sua vida compensadora uma vez que tem a coragem de realizar as tarefas e impor o que acredita ser certo - proteger o irmão, mesmo que isso significasse perder seu reino. Caso ela não tivesse se negado a entregar o irmão teria escolhido o caminho mais temeroso e não se provaria digna de assumir seu lugar como princesa.

5.4. O Reino de Ofélia

O final de um conto de fadas deve devolver a criança ao seu mundo real, por mais fantasioso que seja, porque a fantasia só pode nos dominar temporariamente (BETTELHEIM, 1979). Ofélia experimenta isso ao escolher permanecer no mundo real, pois a fantasia não a domina ao ponto de ferir seu irmão, mesmo que essa escolha resulte em sua morte. Corso e Corso (2006) relacionam os contos de fadas com o mito pois ambos são estruturas que permitem interpretações sempre parciais de seus inúmeros sentidos. Como exemplo: o final

da história de “O Labirinto do Fauno” gera questionamentos sobre o que é ou não real sobre a morte da protagonista, de modo que cada espectador possa fazer sua própria interpretação sobre o seu renascimento e processo de individualização.

A morte da protagonista - mesmo que de forma simbólica - é algo recorrente em muitos contos de fadas, pois é por meio deste diálogo que as crianças entendem o conceito de “transformação interior” que acontece por meio de um rito de passagem (BETTELHEIM, 1979; CORSO e CORSO, 2006). Assim como Chapeuzinho Vermelho, que morre ao ser devorada pelo lobo, Ofélia leva um tiro de seu padrasto, mas as crianças sempre sabem que essas “mortes” não são o fim da história. Chapeuzinho Vermelho renasce como uma garota mais sábia e Ofélia renasce como uma Princesa, ambas agora apresentam relacionamentos mais positivos com as figuras maternas - principalmente Ofélia que reconhece sua mãe como Rainha - e agora são donzelas - uma vez que sua morte simboliza a perda da inocência -, tendo superado uma crise existencial pelos próprios esforços (BETTELHEIM, 1979). A conclusão de Ofélia, na qual se torna Princesa, realça seu processo de independência, pois ela volta a se sentir segura - volta a ter o conforto de seus pais em um ambiente de paz - e torna-se capaz de escolher seu destino, não tendo mais que se submeter à violência e figuras de autoridade (BETTELHEIM, 1979). Ela transforma sua dor em uma narrativa coerente e dignificante, ajudando-a a lidar com seus traumas, sendo esse o centro da proposta de Ferenczi sobre a compreensão e elaboração de processos traumáticos (BARACAT et al. 2020).

6. Conclusão

O desenvolvimento infantil requer um ambiente saudável, no qual os adultos possam manter as crianças longe de adversidades, que devem ser apresentadas em pequenas doses pela figura materna para o estímulo da tolerância para com estas (WINNICOTT, 1896-1971). O sofrimento, podendo ser causado por traumas e catástrofes, ocorre quando o ambiente cobra a integração, não levando em conta o eu do sujeito e sua capacidade de tolerância e não permitindo que ele possa trabalhar seus fragmentos um a um, não sendo possível fornecer um sentido a eles (GONDAR, 2020).

O traumático está ligado à forma com que a criança se relaciona com os adultos ao redor e se são ou não capazes de se adaptarem às suas necessidades (MORENO; COELHO JUNIOR, 2012), caso neguem a realidade do fator traumático, a criança se sentirá cada vez mais abandonada (FERENCZI, 1931). Antes de abordar essa frustração, o analista deve ser capaz de propor um diálogo saudável com o paciente, incentivando o ato de “brincar” -

fenômeno transicional entre a realidade interna e compartilhada da criança (WINNICOTT, 1975) para que possa ocorrer uma fantasia compartilhada entre eles WINNICOTT, 1994/1954; MORENO; COELHO JUNIOR, 2012). Essa é uma forma de estimular a crença na superação e em um futuro otimista (BETTELHEIM, 1975), além do estreitamento dos laços e validação de seus sentimentos (WINNICOTT, 1975). Os Contos de Fadas atuam como facilitadores, de modo que a criança possa encontrar formas de superar suas angústias e desenvolvam o self de forma saudável (BETTELHEIM, 1975; WINNICOTT, 1975). Não cabe ao analista exigir que ocorra uma integração - sendo essa um destino possível - do sujeito, mas propiciar que ele possa por si mesmo caminhar por seus fragmentos (GONDAR, 2020).

Apesar de se passar na Guerra Civil Espanhola, em 1944, O Labirinto do Fauno é uma história capaz de envolver pessoas de qualquer idade, apresentando personagens e situações que promovem reflexões e reconhecimento. O conto de Ofélia é repleto de simbolismos com os quais crianças de qualquer época podem se identificar, não sendo necessário um grande acontecimento traumático para isso. A protagonista começa sua jornada com situações que exigem mais do que ela é capaz de compreender a princípio, mas que é capaz de superar com maturidade conforme recebe apoio e tem sua criatividade estimulada. Dessa forma, Ofélia é capaz de fornecer um sentido para os acontecimentos traumáticos e superá-los, permitindo um processo de integração saudável.

Esse estudo amplia o conhecimento do uso de contos de fadas como ferramentas terapêuticas na clínica psicanalítica infantil para lidar com situações traumáticas. Sendo essa uma abordagem que fortifica o laço entre terapeuta e paciente, uma vez que a narração de histórias permite que ambos possam compartilhar um universo fantasioso. O Labirinto do Fauno se mostrou um aliado poderoso, pois Ofélia permite que o paciente a reconheça como igual, sendo ambas duas crianças em busca de conforto e superação na fantasia.

7. Referências

ALVES, F.; MARCELO, M. L.. A influência dos contos de fada na formação do caráter infantil. Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro. 2012.

ALVES, L.M.C. 1999. Metáforas como Ferramenta Terapêutica. *Pensando Famílias*, 1(1):62-68.

BARACAT, J.; ABRÃO, J. L. F.; MARTÍNEZ, V. C. V.. Trauma e testemunho em Ferenczi: uma análise de Vozes de Tchernóbil de Svetlana Aleksievith. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2020, v. 23, n. 4 [Acessado 22 Junho 2021] , pp. 841-

856. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n4p841-10>>. Epub 25 Jan 2021. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n4p841-10>.

BARBOSA, E., NETO. (2015). Repetição na psicanálise e suas repercussões clínicas com o aporte do conceito de repetição em Kierkegaard. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE.

BETTELHEIM, B.. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979

CADORE, C.; Lüdtke, M. F.; Cassel, P. A.; Costa, A. M. da; Ramos, M. dos S.; Dias, H. Z. J. De Conto em Conto: A Construção de Histórias Singulares. Promovendo Saúde na Contemporaneidade: desafios de pesquisa, ensino e extensão Santa Maria, RS, 08 a 11 de junho de 2010. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/jis2010/Trabalhos/127.pdf>>.

CAROPRESO, F.. O conhecimento e o sentido de realidade no pensamento de Sándor Ferenczi. Psicologia em Estudo [online]. 2019, v. 24 [Acessado 22 Junho 2021] , e42588. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/1807-0329e42588>>. Epub 18 Fev 2019. ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.4025/1807-0329e42588>.

CASHDAN, S. (2000). Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro: Campus.

CORSO, D.L.; CORSO, M. 2006. *Fadas no Divã*. Porto Alegre, Artmed, 328 p.

GONDAR, J.. PEDAÇOS: A FRAGMENTAÇÃO NA OBRA DE SÁNDOR FERENCZI* * Artigo baseado em conferência apresentada em Fragmentations. Meeting on Sándor Ferenczi Studies and Research. Lisboa: 29 fev. 2020. . *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2021, v. 24, n. 1 [Acessado 22 Junho 2021] , pp. 47-52. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-44142021001006>>. Epub 19 Abr 2021. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/1809-44142021001006>.

FERENCZI, S. “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” (1929). In: FERENCZI, S. (1990). *Obras Completas*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes.

FERENCZI, S. (1873-1933) *Obras Completas*, Psicanálise Vol. 4. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERENCZI, S. (1987). Análise de crianças com adultos. In J. Birman (Org.), *Escritos psicanalíticos* (pp. 333-346). Rio de Janeiro: Taurus. (Trabalho original publicado em 1931).

FERENCZI, S. *Diário Clínico* (1932). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FERENCZI, S. (1992a). Notas e fragmentos. In S. Ferenczi. *Obras completas (psicanálise IV)* (p. 235-284). São Paulo, SP: Martins Fontes. Original publicado em 1934.

FERENCZI, S. (1992b). Análise de crianças com adultos. In S. Ferenczi. *Obras completas (psicanálise IV)*(p. 69-83). São Paulo, SP: Martins Fontes. Original publicado em 1931.

FREUD, S. (1980f). *Projeto para uma psicologia científica. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud.* (J. Salomão, Trans..) (Vol. 1, pp. 381-520). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)

FREUD, S. (1896a/1974). Carta 52. *Obras completas, ESB*, v. I. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1896b/1974). Hereditariedade e a etiologia das neuroses. *Obras completas, ESB*, v. III. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1987) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago. (1892) "Esboços para a comunicação preliminar de 1893", v. 1, p. 165-174.

GILLING, J. M. (1999). O conto na psicopedagogia. Porto Alegre: Artmed.

HANNS, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud.* Rio de Janeiro: Imago.

KNOBLOCH, F. (1998). *O tempo do traumático.* São Paulo: EDUC.

LIBERMAN, A. (2013). "Escisión" e "identificación con el agresor" em El diario clínico de Sándor Ferenczi. *Revista de La Sociedad Argentina Psicoanálisis*, (17), 151-164.

MAGALHÃES, I. O. "Era uma vez..." Na Educação Infantil: O papel das histórias no desenvolvimento da criança. Faculdade Ítalo-Brasileira, São Paulo, Brasil. 2008. Disponível em: < http://www.cepetin.com.br/pdf/era_uma_vez_na_educacao_infantil.pdf>

MALDONADO, G.; CARDOSO, M. R.. O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psicol. clín.*, Rio de Janeiro , v. 21, n. 1, p. 45-57, 2009 .

MELLO, R. M.; FERES-CARNEIRO, T.; MAGALHAES, A. S.. Trauma, clivagem e progressão intelectual: um estudo sobre o bebê sábio ferencziano. *Psicol. Estud.*, Maringá , v. 24, e45390, 2019 .

MORENO, M. M. A. e COELHO JUNIOR, N. E.. Trauma, uma falha no cuidar? : diálogo entre Ferenczi e Winnicott. *Psicologia USP* [online]. 2012, v. 23, n. 4 [Acessado 22 Junho 2021] , pp. 707-719. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642012000400005>>. Epub 17 Jan 2013. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642012000400005>.

MOURA, J. G. de, & ASSIS, M. de F. P. (2018). PSICANÁLISE E CONTOS DE FADAS NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO LUTO INFANTIL. *Perspectivas Em Psicologia*, 22(1). <https://doi.org/10.14393/PPv22n1a2018-09>

NETO, E. B. (2020). Trauma e Arte: Do Vazio à Elaboração de Sentido. *Revista Subjetividades*, 20(2), e8691. <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i2.e8691>

OSMO, A.; KUPERMANN, D. Confusão de línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 17, n. 2, p. 329-339, abr./jun. 2012

PEREIRA, V.O.B; LEMOS, M.F. A função terapêutica dos contos de fadas: sentimentos e conflitos humanos. Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. 2013.

PERÓN, P. R. Considerações teóricas ferenczianas sobre o trauma. *Psic. Rev. São Paulo*, volume 16, n.1 e n.2, 13-27, 2007

PINHEIRO, T. (1995). *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

POKORSKI, M. M. W. F.; POKORSKI, L. A. F.. A linguagem constituinte do ser humano. Porto Alegre: Artmed, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n38/n38a11.pdf>>.

RESSURREIÇÃO, J. B. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação. 2012. Disponível em: <<http://www.facos.edu.br/old/galeria/129102010020851.pdf>>.

REIS, E. S. (2004). Corpo e memória traumática. Trabalho apresentado no I Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e VII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. Rio de Janeiro, 2004.

SBARDELOTTO, F. C.; DONELLI, T. M. S.. Entre bruxas e lobos: o uso dos contos de fadas na psicoterapia de grupo com crianças. *Contextos Clínic* [online]. 2014, vol.7, n.1 [citado 2020-03-13], pp. 37-48 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822014000100005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1983-3482. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2014.71.04>.

SCHNEIDER, R.E.F. 2008. *Oficina de Contos de Fadas: Uma intervenção com crianças asmáticas, a partir do enfoque Winnicottiano*. São Leopoldo, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 169 p.

SCHNEIDER, R. E. F.; TOROSSIAN, S. D.. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/viewFile/P.1678-9563.2009v15n2p132/873>>.

UCHITEL, M. (2001). *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

WINNICOTT, D.W. (1896-1971) *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro. Imago Ed.; 2000.

WINNICOTT, D.W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975, 208 p.

WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. (1994). O brinquedo na situação analítica. In D. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 24-25). São Paulo: Artmed. (Trabalho original publicado em 1954).

ZAVARONI, D. M. L.ione de Medeiros Lula and VIANA, Terezinha Camargo. Trauma e Infância : Considerações sobre a Vivência de Situações Potencialmente Traumáticas. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2015, vol.31, n.3, pp.331-338.

ZAVASCHI, M. L. S. et al . Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo , v. 24, n. 4, p. 189-195, Oct. 2002 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000400009&lng=en&nrm=iso>.

Contatos: leticiadeabreu32@gmail.com e mrb.albertini@mackenzie.br